EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: DEBATES, REFLEXÕES E INDICAÇÕES SOBRE ECOLOGIA SOCIAL, VEGANISMO E ANTIESPECISMO

KAUAN WILLIAN DOS SANTOS

RESUMO
Levando em consideração tanto as Diretrizes Nacionais Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, quanto o Currículo da Cidade de São Paulo sobre a educação ambiental interdisciplinar, nosso objetivo é desenvolver reflexões sobre temas como ecologia social, veganismo e antiespecismo nas salas de aula, com foco principal em alunos do ensino fundamental e médio. A ecologia social se refere à teoria que investiga as relações entre o funcionamento das sociedades e seus processos de uso e dominação da natureza, com o objetivo de reorganizar e romper relações hierárquicas com o meio ambiente. O antiespecismo, por sua vez, é uma filosofia que busca desconstruir as hierarquias entre humanos e outros animais, sendo o veganismo uma de suas formas práticas. Pretendemos apresentar essas correntes de pensamento e suas práticas como elementos de uma possível educação ambiental, oferecendo também alguns materiais para esse exercício.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ecologia Social. Veganismo

INTRODUÇÃO

Em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, houve o debate e a criação do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Esse documento contou com a participação de educadoras e educadores de adultos, jovens e crianças de diversas partes do mundo (América Latina, América do Norte, Caribe, Europa, Ásia, Estados Árabes, África, Pacífico do Sul) e refletia movimentos e estudos contemporâneos sobre a emergência climática no mundo. Um dos objetivos do documento eram debates a "serem utilizados na rede formal de ensino e em programas educativos dos movimentos sociais e suas organizações" (MEC, 2021, p.3).

Como reflexo disso, foram lançadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2012) que definem princípios e objetivos da educação ambiental. Sobre a organização curricular é requerido que "A Educação Ambiental, respeitando a autonomia da dinâmica escolar e acadêmica, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada e interdisciplinar, contínua e permanente em todas as fases, etapas, níveis e modalidades, não devendo, como regra, ser implantada como disciplina ou componente curricular específico" (MEC, 2012, p.3)

As Diretrizes Nacionais Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2013) apontam a "sustentabilidade ambiental como meta universal". O documento ainda aponta a necessidade para "se criar uma educação cidadã, responsável, crítica e participativa, que possibilita a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente no qual as pessoas se inserem, em um processo educacional que supera a dissociação sociedade/natureza" (MEC, 2013, p.166).

Na cidade de São Paulo, dentro das publicações do Currículo da Cidade, foi publicado o material "Educação Ambiental: orientações pedagógicas" com o objetivo de "promover e possibilitar a institucionalização da Educação Ambiental na Rede Municipal de Ensino de São Paulo." Para o documento,

"A Educação Ambiental é um campo de conhecimento transversal que fomenta sensibilidades afetivas, éticas, cognitivas e nos permite uma leitura do mundo buscando possibilidades de atuação, de transformação e de indissociabilidade entre as questões ambientais, sociais, culturais, estéticas, entre outras, que chamamos de uma visão socioambiental holística" (SME, 2023, p.12).

Podemos observar que os debates institucionais seguem as reclamações científicas e sociais que consideram urgentes as questões climáticas. Segundo documento da Organização Meteorológica Mundial, todos os indicadores climáticos quebraram recordes em 2023 (CLIMAINFO, 2024). Assim, mais do que simplesmente estudá-las, um objeto passivo, os documentos apontam a necessidade de ações visando uma transformação, além de ser incorporado por várias disciplinas e espaços.

De certo, vários pactos governamentais fa-

lham em reduzir os indicadores, uma vez que a maioria de suas economias são baseadas na exploração de recursos naturais, tanto para a exportação de matéria prima ou para a captação industrial. Trata-se, portanto, da forma econômica do capital, adiantando que ações individuais são pouco efetivas sem questionar os modelos de produção e consumo. Ainda assim, ao impedir o desenvolvimento desses debates em espaços educativos (formais, não formais ou informais) não é possível democratizar o debate público para propostas locais que podem se transformar em pautas de transformação coletiva, econômicas e políticas. Assim, para Paulo Freire, a "educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" (FREIRE. 1979, p.84). Nesse sentido, consideramos, como o autor, que a educação deve ser entendida não como uma "transferência de conhecimento", mas como um processo dialético entre educador e educando, onde o educando "aprende a aprender" e não apenas a disciplina em si, ou seja, aprende mecanismos para buscar e produzir conhecimento. Isso só pode ser feito se o educando entender de antemão os motivos de cada disciplina, do método de ensino, os motivos de sua raiva e rebeldia, e os objetivos da própria escola. Da mesma forma, o professor deve compreender seu papel na transformação do mundo. Como exemplo, "é ensinando matemática que ensino também como aprender e como ensinar, e como exercer a curiosidade epistemológica indispensável à produção do conhecimento"(-FREIRE,2016, p.12).

A Ecologia Social adota um processo de ensino semelhante, em que comunidades e educandos se tornam sujeitos ativos na transformação. Esse processo envolve uma interação direta com a natureza, que também se torna ativa e participante no processo democrático. As vertentes populares do veganismo se expandem ao incluir os animais e suas questões específicas na equação, tanto dentro do processo educativo quanto na reorganização da sociedade.

OS PENSAMENTO E PRÁTICAS DA ECOLOGIA SOCIAL E DO ANTIESPECISMO/VEGANISMO

A Ecologia Social emergiu após a queda do Muro de Berlim, investigando as relações entre o funcionamento das sociedades e seus processos de uso e dominação da natureza, com o objetivo de reorganizar e romper as relações hierárquicas com o meio ambiente. Nesse ínterim, setores progressistas buscaram alternativas ao modelo soviético e estalinista, que enfatizava a economia e a disputa nacional contra os Estados Unidos. Estudos sobre as opressões envolvendo sexualidades, gêneros, etnias, meio ambiente, animais e outras questões passaram a dominar movimentos, atos, grupos e teorias. (SANTOS, 2020, p. 40). Grande parte da esquerda clássica também se aproximou do debate sobre o ambientalismo, interessando-se pelos danos causados pelos testes nucleares e estudando o aquecimento global. O militante e escritor Murray Bookchin, que havia transicionado das fileiras trotskistas para o anarquismo, criticava organizações rígidas centradas no eurocentrismo e no economicismo. Além disso, ele polemizava com grupos que se envolviam em atos individuais e isolados, acreditando que esses atos poderiam alterar parte da realidade. Bookchin havia lançado a obra "Ecologia da Liberdade", onde colocava a ecologia dentro de estratégias geridas em organizações sociais e revolucionárias, propondo o que chamava de Ecologia Social. Para ele, umas das origens das dominações e hierarquias estava ainda no período de centralização de diversas sociedades na Revolução do Neolítico. Nesse sentido, os processos humanos que ocupam grandes áreas estão em consonância com processos centralizadores políticos, que precisam tanto da dominação da natureza em larga escala, quanto do trabalho ou de outras hierarquias como a de gênero (origem das classes sociais e do patriarcado). Historicamente, ao não romper esse ciclo, o processo de colonização e, atualmente, o Estado Nacional e sua forma de exclusão da sociedade em tomadas de decisões "não envolviam só seres humanos, mas espécies de todos os tipos do planeta, por isso propunha "a supremacia da assembléia [que] é particularmente importante no período de transição de uma sociedade administrativamente centralizada para uma sociedade descentralizada." Para ele, "a democracia libertária só é concebível em assembléias populares, em todos os níveis" (BOOKCHIN, 2010, p. 43;173).

Bookchin acreditava que a autogestão deveria não apenas envolver as pessoas, mas também

integrar as necessidades da natureza, sem hierarquia entre essas esferas, considerando que a hierarquia era a origem das dominações. Essas ideias foram adaptadas por Abdullah Öcalan e pelos militantes da Revolução Curda no norte da Síria. Essa revolução, considerada uma das mais importantes do socialismo do século XXI, valoriza muito a relação entre homens e mulheres com outros animais e espécies, promovendo uma convivência harmônica e equilibrada entre o ser humano e o meio ambiente. (DIRIK; GRAEBER; COMITÊ DE RESISTÊNCIA CURDA, 2015).

O veganismo, por sua vez, é frequentemente descrito como "um estilo de vida que tem como objetivo excluir o uso de animais na alimentação, como carne, ovos, peixes, laticínios e mel" (The Vegan Society, 2022). O termo "vegan" foi cunhado pela primeira vez em 1944 pela Vegan Society (uma associação de pequenos proprietários de terras na Inglaterra), para se diferenciar dos vegetarianos que apenas evitavam carnes, mas ainda consumiam derivados de animais. Embora inicialmente tenha gerado poucos debates sociais e se concentrasse apenas nos direitos dos animais, após 1960, com o avanço dos debates ambientalistas e ecológicos, o veganismo evoluiu para um movimento que não apenas defende os direitos dos animais, mas também busca a sua libertação, ou seja, a eliminação da sua exploração para os interesses humanos. Na sua obra "Libertação Animal", publicada originalmente em 1975, Peter Singer ensaia o que seria o conceito de especismo– "o preconceito ou a atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outra" (SINGER, 2010, p.11). O ativista, encabeçado por um debate da bioética do período, desconstrói o conceito de que para um ser possuir direitos é necessário que ele fale ou pense sobre eles. Na verdade, para ele, a ética avançou para sabermos – assim como acontece com alguma criança recém-nascida ou mesmo com pessoas que não possuem todas as faculdades cognitivas – "que a capacidade de sofrer e de sentir prazer é um pré-requisito para um ser ter algum interesse" (SINGER, 2010, p.13).

Ao se opor ao especismo, se construíram teorias e movimentos antiespecistas. Gary Francione e Anna Charlton, em "Animal Rights: The Abolitionist Approach" (2015), afirmam que o princípio ético que fundamenta o veganismo é que nenhum ser senciente (ou seja, que sente) deve ser tratado como propriedade alheia, o que inclui tanto os animais humanos quanto não humanos. A conscientização dos movimentos negros, feministas, LGBTQIAP+, políticos e sindicais sobre como suas formas específicas de dominação também são construídas com base no especismo foi crucial para que o veganismo reconhecesse que sua luta vai além da libertação animal. Essa percepção ampliou a visão do veganismo para incluir a libertação humana e global, abrangendo todas as espécies e suas particularidades, como as dominações relacionadas à classe, gênero, raça, sexualidade, entre outras.

Nos tempos atuais, observamos grupos que interagem as teorias antiespecistas e ecológicas sociais. A busca pela quebra de hierarquias e uma vida buscando harmonia direta entre humanos e a natureza parece fortalecer a ideia sobre os direitos ou a libertação animal. Na obra "Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário" é colocado que

"O veganismo popular, político, abolicionista e interseccional vem denunciando certas limitações e armadilhas comuns na luta pela libertação animal e humana e, em geral, vem diagnosticando alguns pontos: a) a cooptação do movimento vegano pela visão liberal de mercado (despolitizando o antiespecismo e focando numa narrativa de ênfase dietética); b) a insuficiência do ativismo performático (preterindo a inserção nos movimentos sociais em nome do foco em performances teatrais no estilo europeu de ativismo animalista) e c) a falta de consciência política e estratégica de muitos dos militantes da causa" (ANTAR & UVF, 2021, p.22)

INDICAÇÃO PARA FORMAÇÃO DOCENTE

Sobre a Ecologia Social, para a formação de educadores, a própria obra de Murray Bookchin em "Ecologia Social e outros ensaios" (Achimaé, 2010) se apresenta de maneira essencial. Nesta obra, diversos textos que formam seu pensamento são escolhidos e traduzidos, sublinhando seus traços principais. Para Mauro José Cavalcanti

"A grande contribuição intelectual de Bookchin foi o desenvolvimento da Ecologia Social, a qual sustenta a idéia básica de que os

problemas ecológicos estão profundamente relacionados aos problemas sociais, particularmente no domínio dos sistemas políticos e sociais hierarquizados. A ecologia social sugere também que não é possível fazer frente a tais problemas, de forma realmente efetiva, apenas através de ações individuais como o "consumismo ético", mas sim através de atividades coletivas fundamentadas em ideais democráticos e libertários radicais. A complexidade das relações entre os seres humanos e a natureza é enfatizada pela ecologia social, juntamente com a importância de se estabelecer estruturas sociais que possam levar em conta tais relações. Se a natureza é fonte de liberdade, participação, solidariedade e apoio mútuo, então as estruturas sociais que organizam as sociedades humanas também assim poderiam ser" (CAVALCANTI in BOOKCHIN, 2010, p13-14).

Outra contribuição interessante para a formação de educadores é o artigo "Reflexões sobre educação ambiental e ecologia social no Brasil a partir de um estudo de estado da arte (2011-2020)" publicado na Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental. Neste estudo, Adler Santos Garcia Costa, Amanda de Mattos Pereira Mano, Alexandre de Cougo e Lucí Helena Zanata apresentam e examinam dois estudos no âmbito da investigação do Estado da Arte que se utilizam da Ecologia Social pensando uma Educação Ambiental. Para os autores, "é de fundamental importância o fomento ao estudo, ao debate, à pesquisa e ao desenvolvimento de práxis pedagógicas desde as problemáticas levantadas e tensionadas pela Teoria filosófica da Ecologia Social e a Educação Ambiental. Em especial, destacamos àquelas que procuram transformar o sujeito social, bem como potencializar processos reflexivos permanentes (individuais e coletivos) e promover a reformulação de paradigmas de valores e de ações em nossa sociedade. Acrescenta-se a extrema relevância da compreensão sócio-histórica a um novo ser/fazer cotidiano que enalteça a mudança gradativa das ações humanas, objetivando uma nova relação entre sociedade-natureza" (COSTA; MANO; COUGO; ZANATA, 2022, p.116).

Sobre veganismo e antiespecismo a obra de Peter Singer, mencionada anteriormente, é um clássico incontornável, embora com alguns pressupostos superados. Para sanar essas lacunas indicamos o "Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário" (2021) escrito pelos coletivos Antar - Poder Popular Antiespecita e União Vegana Feminista. A obra trata a história e a importância das estratégias fundadoras sob um veganismo de base e popular: o boicote, a ação direta e a conscientização, mostrando como foram usados e como podemos transformá-las a partir de novos debates e diálogos atuais. Após isso, a obra aborda conceitos que incrementam a perspectiva antiespecista que não podemos perder de vista para um veganismo revolucionário, assim como construído com o poder popular: a perspectiva antidominações, os movimentos anticapitalistas e a questão de classe, o imbricamento com o antifascismo e o antirracismo, a intersecção com a perspectiva de gênero e feminista e a necessidade de estratégias de inserção e força social e poder popular.

Indicamos também o artigo "Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental" publicado na revista Linhas Críticas (2009). Neste escrito, Paula Brügger, desenvolve paradigmas não-antropocêntricos como parte de uma reflexão transformadora da relação sociedade-natureza, propondo também discussões no âmbito da Educação Ambiental. Para ela, a visão educacional ambiental deve quebrar paradigmas e considerar que "A visão arbitrária – na verdade, arbitrada por nós humanos – de que os outros animais não fazem parte da comunidade moral e, assim, não merecem um tratamento que contemple seus interesses, não apenas vai de encontro às evidências citadas antes, mas também reforça um padrão de pensamento fragmentado que se contrapõe à interdependência. Por exemplo, se quisermos preservar os "genes raros" sob o ponto de vista meramente instrumental, teremos de questionar, sob o ponto de vista ético, o tratamento que damos aos seres portadores de "genes abundantes", pois os efeitos de diferentes processos encontram-se concertados entresi. Tudo está inextricavelmente interrelacionado e nossas escolhas – tanto individuais, quanto coletivas – ajudam a construir um determinado "meio ambiente" em detrimento de outros possíveis" (BRUGGER, 2009, p.13).

MATERIAIS PARA A SALA DE AULA E UM NOVO

OLHAR PARA A ESCOLA

Longe de considerar a Educação Ambiental como algo separado, como se estivesse em uma "caixinha", o desafio, especialmente dentro de uma abordagem de Ecologia Social, é utilizar a agência dos estudantes e da comunidade escolar para transformar a própria escola. Podemos desenvolver diversos projetos, como a construção de hortas em espaços próprios ou mesmo nas salas de aula, o reflorestamento do entorno da escola e, principalmente, promover discussões e propostas que integrem a comunidade escolar para usar esses saberes e debates na construção de um projeto ecológico-social no bairro. O desafio é transformar a ecologia em um sujeito ativo de suas mudanças políticas e sociais, elevando suas discussões além da natureza, mas utilizando-a como base.

Uma ideia bastante interessante da autora Rosilaine Mortela é considerar os debates sobre saneamento básico na comunidade e na unidade escolar. Ela defende que

"Para desenvolvermos a Educação Ambiental precisamos integrá-la com nossa realidade, onde vivemos, as formas como nos relacionamos com as pessoas e com o meio ambiente. Considerando a complexidade do espaço físico foi definido utilizar o Saneamento Básico como alternativa de temática a ser abordada nas escolas para inserção da Educação Ambiental, tendo em vista que as questões referentes a água, resíduos sólidos, esgotamento sanitário e drenagem urbana estão presentes no dia a dia dos estudantes e de toda a comunidade escolar" (MORTELLA, 2020, p.3).

No início dos anos fundamentais podemos utilizar a literatura ilustrada, assim como a contação de histórias. Um exemplo é a obra " Um Urubu Vegano" de Marcela Maciel Nogueira (2021). Ela narra a história, durante a pandemia do coronavírus, de uma avó que se depara com uma ave da espécie urubu em sua cozinha. Ela precisa ajudá-lo em sua escolha, que não é mais comer carne, mas apenas vegetais. Além de iniciar o tema do veganismo, a obra também exercita os estudantes a pensarem sobre as diferenças de cada ser.

Avançando para os anos finais do fundamental, chegando ao Ensino Médio, documentários também podem ser utilizados, como "A Revolução dos Cocos", do diretor Dom Rotheroe (2001). O documentário mostra como a população de Bougainville, a maior das ilhas que compõem o arquipélago incorporado à Papua-Nova Guiné, se revoltou contra a exploração de seus recursos naturais por mineradoras estrangeiras. Essa atividade contaminou a água e o solo e levou ao desmatamento para a exploração do cobre. A população expulsou as mineradoras e o exército de Papua-Nova Guiné de sua ilha. O documentário revela que os métodos de luta e seus instrumentos também foram ecológicos, baseados em suas frutas, vegetais e árvores, como na construção de canoas, armas e armadilhas, ou seja, uma prática de Ecologia Social.

Diversos documentários sobre veganismo e antiespecismo também estão disponíveis, como "Cowspiracy" (Netflix) e "Terráqueos" (Youtube). Dirigido por Kip Andersen e Keegan Kuhn, com produção executiva do ator Leonardo DiCaprio, "Cowspiracy" evidencia o impacto que o agronegócio, a produção de carne e a pesca predatória possuem no meio ambiente. Junto com imagens do sofrimento animal, alguns dados, de forma didática são colocados como "Para a produção de 3,8 Litros de leite, é necessário 3 800 litros de água" ou "Comer 1 hambúrguer é equivalente a tomar um banho por dois meses inteiros."

Em "Terráqueos" (2005), escrito e dirigido por Shaun Monson e narrado pelo ator Joaquin Phoenix, refletimos sobre a dependência que os seres humanos possuem em relação aos animais em diversos âmbitos da vida, como na alimentação, vestuário, entretenimento, experimentos científicos e outros. É focado nos males da indústria revelando danos ambientais, torturas, mortes em massa, desperdício de alimentos e recursos etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é por acaso que as crises enfrentadas pelas democracias e a ascensão da extrema-direita no mundo coincidem com uma crise climática sem precedentes. Para Sabrina Fernandes,

"O século XXI é um século de crise. O colapso econômico capitalista se encaixa com desigualdade terrível, guerras internacionais e civis impulsionam deslocamentos e catástrofes humanitárias, a xenofobia se infiltra nas leis e a crescente perda de biodiversidade põe em risco o equilíbrio do planeta. A mudança climática ameaça piorar todos os outros

aspectos dessas crises interligadas, tornando a descarbonização a tarefa mais urgente em nossa lista de afazeres. É difícil imaginar lidar com sucesso com todos os outros problemas socioeconômicos — muito menos com o gigantesco empreendimento de superar o capitalismo — sem uma ação internacional coordenada."

Para Murray Bookchin, as formas econômicas e políticas influenciam a natureza, e a degradação ambiental está intimamente relacionada ao nível de consciência e às estratégias adotadas para resolver crises e problemas humanos, que, na verdade, são questões socioambientais e políticas. Considerando também Paulo Freire, no tocante à necessidade de uma educação participativa e ativa com os problemas sociais, enxergamos os debates sobre a Educação Ambiental nas escolas muito importantes. Apresentamos as ideias e algumas referências para o trabalho dos temas envolvendo a Ecologia Social e o Veganismo/Antiespecismo, considerando que podem atingir a raiz dos problemas quando relacionadas com outras disciplinas e com as realidades escolares. Um mundo que está ruindo não deve ser motivo de medo, mas de coragem para a mudança.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Kip; KUHN, Keegan. Cowspiracy. Netflix, 2014.

ANTAR; UVF (União Vegana Feminista). Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário. Editora Terra Sem Amos, 2021.

BOOKCHIN, Murray. Ecologia Social e outros ensaios. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

BRUGGER, Paula. "Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental". Linhas Críticas, Brasília, v. 15, n. 29, p. 197-214, jul./dez. 2009.

CLIMAINFO. "OMM: todos os indicadores das mudanças climáticas bateram recorde em 2023". Disponível em: https://climainfo.org.br/2024/03/19/omm-todos-os-indicadores-das-mudancas-climaticas--bate ram-recorde-em-2023/

CHARLTON, Anna; FRANCIONE, Gary. Animal Rights: The Abolitionist Approach. Goodreads, 2015.

COSTA, Adler Santos; MANO, Amanda de Mattos; COUGO, Alexandre Cougo; ZANATA, Lucí Helena. "Reflexões sobre educação ambiental e ecologia social no Brasil a partir de um estudo de estado da arte (2011-2020)." REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, 39(3), 100–119, 2022.

DIRIK, Dillar; GRAEBER, David; Comitê de Resistência Curda. A Revolução Ignorada: Liberação da Mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, PAULO. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 15 DE JUNHO DE 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, 2021. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf MONSON, Shaun; WHITE, Persia. Earthlings. www.eartlings.com, 2005.

MORTELLA, Rosilaine Terezinha. Material de Apoio: Estratégias para desenvolver a percepção pelo ambiente compartilhado. Produto Educacional (Mestre Ensino de Ciências). Programa de Pós-Graduação em Formação Educacional, Científica e Tecnológica da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2021.

NOGUEIRA, Marcela Maciel. Um Urubu Vegano. Editora Crivo Editorial, 2021.

ROTHEROE, Dom. The Coconut Revolution. Stampede Films: 2021.

SANTOS, Kauan Willian dos. "Anarquismo e Antiespecismo: Ação direta e Ecologia Social nos bastidores do resgate dos cães beagles em São Paulo em 2013". IN: MOTA, Ana; SANTOS, Kauan Willian dos (Orgs). Libertação Animal, Libertação Humana: Veganismo, Política e Conexões no Brasil. Minas Gerais: Editora Garcia, pp.29-48.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Currículo da cidade: Educação Ambiental: orien-

tações pedagógicas. São Paulo: SME/COPED, 2023.
SINGER, Peter. Libertação Animal. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
The Vegan Society. "Definition of Veganism". Disponível em: https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism